



Caminhos Negros no Ceará: Identidades de Resistências

Emanuela Ferreira Matias¹; Samia Paula dos Santos Silva²; Rosa Maria Barros Ribeiro³

Resumo: Os séculos de escravidão foram marcados pela luta e a resistência da população negra configurada nos quilombos que se efetivaram como a maior forma de resistência da organização dos negros e negras neste País. Neste contexto, a abolição consolidou a segregação racial no Brasil, a luta abolicionista trouxe no seu pacote a ideologia do branqueamento da população brasileira por considerar a raça negra inferior. O Pensamento da democracia racial, em 1930, foi forjada, para vender um país avançado sem segregação racial, romantizando a mistura entre negros, brancos e índios quando de fato racismo sentenciou o negro a viver em condições precárias em todas as regiões do Brasil, um projeto de nação que nega a importância da população negra. Dentro desse universo de complexidade analisamos as lutas e às resistências dos quilombos de hoje como os do passado, assim como das periferias dentro de uma perspectiva de quilombagem em Clóvis Moura. Concluiu-se que, os quilombos são verdadeiros patrimônios culturais do Brasil e que, suas memórias do escravidão criminoso, precisam ser expostas e escritas para que tal crime contra a humanidade, não caia no esquecimento.

Palavras-chave: Quilombo; Resistência; Quilombagem

Black Paths in Ceará: Resistance Identities

Abstract: The centuries of slavery were marked by the struggle and resistance of the black population in the quilombos that became the greatest form of resistance of the black and black organization in this country. In this context, abolition consolidated racial segregation in Brazil, the abolitionist struggle brought in its package the ideology of the bleaching of the Brazilian population considering the inferior black race. The Thought of racial democracy in 1930 was forged to sell an advanced country without racial segregation, romanticizing the mix between blacks, whites, and Indians when in fact racism sentenced the Negro to live in precarious conditions in all regions of Brazil, one project of a nation that denies the importance of the black population. Within this universe of complexity we analyze the struggles and resistance of today's quilombos as those of the past, as well as of the peripheries within a perspective of quilombagem in Clóvis Moura.

Keywords: Quilombo; Resistance; Quilombagem

¹ Pedagoga, mestranda pelo o programa de pós educação. Universidade Federal do Ceará- UFC/PPGE.

² Pedagoga, doutorando pelo programa de pós educação. Universidade Federal do Ceará- UFC/PPGE.

³ Professoras da Universidade Estadual do Ceará - UECE

Introdução

“[...] Negro entoou um canto de revolta pelos ares.
No Quilombo dos Palmares, onde se refugiou.
Fora a luta dos Inconfidentes pela quebra das correntes.
Nada adiantou” (Clara Nunes)

A população negra corresponde a um total aproximadamente de 54% no Brasil de acordo com dados do IBGE de 2010. É a maioria no país, considerando negros e pardos. Contudo, passados 130 anos de abolição da escravatura, ainda persistem as discriminações e violações aos direitos da população negra. A mácula da escravidão marca profundamente os descendentes africanos no Brasil. A escravidão não ficou no passado, ainda hoje mascara as relações sociais quando determina lugares de poder para os brancos e subalternizar ainda hoje a vida do negro, descendente dos povos africanos escravizados aqui no Brasil.

A representação do negro no livro didático sempre traz uma figura de um homem primitiva, selvagem que se conformou com sua condição de escravizado. Não enfatizam as suas trajetórias de luta e a forte influência dos povos africanos na formação do povo brasileiro, além de, que retirados do seu local de origem em um outro continente a primeira reação era de medo. Os Negros chegavam em **navios negreiros**, amontoados em situações muito precárias. Muitas vezes nem compreendiam a linguagem dos seus algozes, pois vinham de diferentes países da África. As reações que surgiam eram facilmente combatidas pelos europeus.

O maior símbolo da resistência são os quilombos, este movimento ensinava que a luta era melhor que o cativeiro. Nesse intuito, os negros buscavam os topos das montanhas e no meio da mata fechada para se esconder e dificultar o acesso e evitar que fossem descobertos pelos seus algozes. essa era a base dos quilombos a fuga da escravidão e a tentativa de estabelecer uma comunidade negra autônoma e livre”. O mais emblemático foi o quilombo de Palmares por ter sido o maior, o que concentrou mais negros e negras na região de Alagoas, chegaram a reunir entre 18 a 20 mil habitantes, seu maior líder foi Zumbi dos Palmares e Dandara, funcionavam como uma espécie de Estado Africano dentro do Brasil.

Os quilombos continuam a existir em todo o Brasil são 2.962 certificadas de acordo com a Fundação Palmares. No Ceará são cerca de 85 reconhecida e 43 certificadas, de acordo

com Estado do Ceará, essas comunidades são marcas concreta da luta negra que atravessou o tempo e se mantém na resistência, prática de quilombagem, como traduz Clóvis Moura a luta do negro no quilombo, mesmo com a várias tentativas de extermínio dessas populações como no caso a miscigenação do povo brasileiro contribuição de Abdias Nascimento. A presença dos negros e negras nas cidades a luta nas ocupações de terra, por moradia os agrupamentos familiares conhecido como periferias, faz nos pensar como Beatriz Nascimento, que as periferias da cidade são extensão dos quilombos existente.

Miscigenação Projeto de Brasileiro de Extermínio do Negro

A miscigenação funcionou como tentativa de extermínio da população negra do país, com o embranquecimento da população. Para ser socialmente aceita tinha que ter herdado a pele clara. Quanto menos fenótipos negros herdassem, mas aceita pela sociedade. A política migratória foi um projeto político racista e de genocídio do negro aprovado por intelectuais e abolicionistas. Abdias Nascimento nos revela em seu livro *Genocídio do Negro Brasileiro*, que:

A predominante racista orientações da política migratória foi outro instrumento básico nesse processo de embranquecer o país. A assunção prevalecente, inspirando nossas leis de imigração considerava a população negra feia e geneticamente inferior por causa do Sangue negro africano. Necessitava conforme a receita de Arthur de Gobineau (1816-1882), influente diplomata e escritor francês, “Fortalecer-se com a ajuda de valores mais altos da raça européias.” Gobineau predisse que dentro de dois séculos a raça negra desapareceria completamente.
(NASCIMENTO, 1978, p. 70)

Para tanto o pensamento de democracia racial Gilberto Freyre, em seu livro *Casa Grande e Senzala*, fortaleceu e esse projeto quando mostrou uma harmonia entre negros, brancos e indígenas. Ao fortalecendo a democracia racial, camuflava o racismo e o projeto de genocídio dos negros. Enquanto o branco era aceito, os negros continuavam subalternizados e a viver de forma sub-humana. Essa fase da nossa história nos foi colocada como um fato aprazível. A democracia racial foi forjada, para vender um país avançado sem segregação racial, romantizando a mistura entre negros, brancos e índios.

Sabemos que houve muita violência e privação de direitos para os negros e índios nesse país. A divisão social e de classe tem cor. A pobreza nesse país tem cor. A população negra sofre diariamente na pele, literalmente na pele, a segregação racial do Brasil. Podemos perceber isso ainda hoje, mesmo quando um negro chega a um patamar mais elevado na sociedade, ainda assim não o livra do racismo da discriminação racial, porque foi ideologicamente construído o lugar dos negros (a) na sociedade. As tentativas de exterminar o negro ainda persistem nos dias de hoje, pois o racismo se estrutura em todas as formas na sociedade de maneira individual e institucional e com isso passa a estruturar toda a sociedade, Sílvio de Almeida nos diz que:

Em uma sociedade que o racismo está na vida cotidiana as instituições que não tratam de maneira ativa e como um problema de desigualdade racial irão reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade. É o que acontece geralmente nos governos, empresas e escolas em que não há espaço ou mecanismo para tratar os conflitos raciais e de gênero. (ALMEIDA, 2018, p. 37)

Os dados do Instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE) mostram exatamente como essa estrutura racista funciona na vida da população negra no Brasil, as mudanças na estrutura de poder e nas políticas públicas ainda não impactam na vida real do negro. Percebemos ao analisar alguns dados divulgados pelo último censo do IBGE de 2010. Na Educação os negros representam menos acesso. O analfabetismo entre brancos representa 5% enquanto entre negros uma taxa de 16,1%. No acesso ao mercado de trabalho e renda, os trabalhadores negros representam um número maior em relação a desigualdade de renda e acesso ao mercado de trabalho 14,3%, enquanto os trabalhadores brancos são de 5,1%. Nas periferias, os negros têm 7 vezes mais chances de morrer enquanto que brancos apenas 3 vezes menos chances de morrer. Assim as formas de resistência persistem seja no quilombo e nas periferias da cidade brasileiras onde se concentra a população negra.

Quilombo, Resistência, Luta e Quilombagem

Os quilombos, simbolizaram e simboliza a resistência dos negros, também era um sinal de rebeldia permanente no país contra o sistema escravista, segundo MOURA (1993). Muitos levantes se formaram em todo país, o quilombo mais conhecido foi o quilombo dos

Palmares, “Mas onde quer que o trabalho escravo se firmasse, surgia um quilombo, [...] oferecendo resistência, lutando, desgastando as forças produtiva escravistas. Os quilombos se mantêm até os dias de hoje e passam por perseguições principalmente de latifundiários e de grandes empresas que desejam utilizar – se dos benefícios de seus territórios. A mobilização dessas populações tem como principais lutas o direito de permanecer em suas terras e manter suas tradições e culturas. A esses movimentos de resistências deram se várias denominações entre elas está a quilombagem.

Segundo Moura (1993) Quilombagem é um movimento histórico e social que, no Brasil, teve início no final do século XVI, identifica a marronagem nas áreas do caribe e outros caracterizou-se pela formação contínua de grupos negros rebeldes e fugitivos, que constituiu comunidades próprias, os quilombos. [...] a quilombagem foi, pois, um movimento social permanente que lastrou o Brasil influenciou poderosamente no esfacelamento da estrutura econômica da época e proporcionou a conservação da consciência étnica do negro até os dias de hoje.

Munanga (1996) relata em seus escritos que o Kilombos africanos banto eram instituições sociopolítica e militar transcultural, pois recebeu contribuições e influências de muitas culturas de países do continente africano. Voltando às discussões para os Quilombos brasileiros e sua formação inicial, percebemos suas semelhanças com os Kilombos africanos, pois os primeiros também são formações sociopolíticas organizadas para combater as repressões impostas pelo regime escravista, ou seja, as duas organizações foram criadas para resistir às opressões.

Essas ligações entre as duas organizações podem ser explicadas pela origem da criação ainda na África Bantu, essa também era a região africana de onde foram trazidos a maior parte das pessoas escravizadas no Brasil.

O quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de línguas bantu (*kilombo*, aportuguesado: quilombo). Sua presença e seu significado no Brasil têm a ver com alguns ramos desses povos bantu cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra. Trata-se dos grupos lunda, ovimbundu, mbundu, kongo, imbangala, etc., cujos territórios se dividem entre Angola e Zaire. (MUNANGA, 1996, pág. 58).

No Brasil a definição de quilombo ao longo dos anos passou por grandes modificações e até hoje encontra-se dificuldades de conceituá-lo devido a sua enorme

diversidade e complexidade. Apesar dessas dificuldades, são muitas as tentativas de dar-lhes sentido único.

No início de sua formação diante das grandes resistências da população negra contra o sistema opressor, as comunidades foram classificadas socialmente como abrigo de escravos fugidos. Nas palavras de Almeida (*Apud* ARRUTI, 2008) as legislações coloniais definiam quilombos como sendo ranchos organizados que abrigavam cinco ou mais escravos fugidos. A partir da Constituição de 1988 que explicita em seu texto no artigo 68 das ADCT (Atos das Disposições Constitucionais Transitórias) aos remanescentes de quilombos a propriedade da terra e dever do estado a sua titulação. Outras ressemantizações surgiram numa tentativa de conceituá-lo.

Com base na nova lei constitucional, muitos estudiosos e os movimentos sociais que trabalhavam a favor das comunidades rurais negras não concordavam com a exclusão das comunidades negras não oriundas de antigos quilombos do benefício do reconhecimento e titulação das terras.

As dificuldades de caracterizar as comunidades de quilombos levaram as diversas discussões a fim de reconhecer quem seriam as comunidades beneficiadas pelo artigo 68, desse impasse surgem vários ressemantizações do termo quilombo. Para Arruti (2008), o termo remanescentes é usado a partir da Constituição de 1988 para designar organizações sociopolíticas de grupos negros que lutam para o reconhecimento de seus direitos historicamente negados.

Enfim, da mesma forma que ocorre entre os remanescentes indígenas, tais suposições implicadas no termo colocam no núcleo de definição daqueles grupos uma *historicidade* que remete sempre ao par *memória-direitos*: em se tratando de *remanescentes*, o que está em jogo é o reconhecimento de um *processo histórico de desrespeito* (ARRUTI, 2008, P.14).

Ratts (2009) ao buscar definição de quilombo dá prioridade à autodefinição de grupos negros, que reconhecem seu lugar de pertencimento como local onde sua ancestralidade desenvolveu seu modo de vida, que suas tradições se mantêm vivas mesmo com algumas mudanças.

O termo remanescente é um dos motivos de rejeição da identidade quilombola em determinadas comunidades. “Algumas lideranças evitam o termo “remanescentes” por sua carga pejorativa (RATTS, 2009, p.57). Na comunidade quilombola Bastiões em Iracema

(CE) esse termo foi uma das causas de rejeição, para alguns moradores o termo no seu sentido literal significava, resto de quilombo. O morador cita as dificuldades de lidar com o auto reconhecimento pela falta de informação do que é ser quilombola e a rejeição da comunidade pelo significado oficial do termo usado na ocasião.

"Quando esse termo "chegou" para mim, veio de forma pejorativa, porque a comunidade dos Bastiões do município de Iracema sempre sofreu com a questão da discriminação, quando falavam nos Bastiões as pessoas falavam; "Sim, aquele quilombo". E tudo que vinha acontecendo na época agravou cada vez mais, o preconceito em relação a comunidade dos Bastiões, e as pessoas relacionavam a palavra Remanescente com o significado da palavra encontrado no Dicionário Aurélio que significa: "Resto de quilombo". As pessoas não queriam essa denominação quilombola, por esta associada com o significado de , "Resto"...Por isso que não abracei a causa como descendente de quilombola porque era tudo muito novo para mim e, devido as "más" informações que surgiam não reconheci minhas origens como remanescente porque era algo estranho e novo para mim. Mas depois que o clima ficou mais tranquilo na comunidade, comecei, pesquisar e a entender o que estava acontecendo nesse processo de reconhecimento." Akim (2015)⁴

Nas comunidades quilombolas atuais do Brasil a resistência tem o papel importante, porém diferente dos Kilombos africanos, em virtude do preconceito e racismo que dificultam as comunidades quilombolas de acessar direitos sociais e também de defender seu território devido a especulação imobiliária, posseiros, manipulação através da religião e todas as formas de negação é que se personifica a resistência quilombola, as características dessa resistência vêm através dos tempos se tornando uma forma política através do ativismo para fazer valer os seus direitos e até mesmo buscar o lhe é de direito junto aos órgãos públicos.

Dessa forma, a resistência que observamos vem se estruturando através de uma identidade coletiva dentro das comunidades quilombolas. Essa atualmente na Comunidade Bastiões se encontra endereçadas com os parágrafos supracitados e a mesma se tornou uma forma ou prática entre os remanescentes de quilombo de vencer o medo, com o fim se instituir na sociedade e nos seus direitos. Por este viés entendemos que a resistência também é o caminho do pertencimento, pois a mesma vem sendo uma forma através da identidade que leva o remanescente a não negar de onde ele pertence. podemos observar essas resistências na fala do morador de Bastiões (CE)

⁴Usaremos nomes fictícios com os sujeitos entrevistados para preservar sua identidade. Usaremos nomes africanos Akim. Nome de origem Iorubá, que significa guerreiro ou herói.

"Tendo em vista todas as pesquisas que fiz, o processo que aconteceu, me considero remanescente de quilombolas, se a comunidade é de origem negra, sou descendente das fundadoras da comunidade. Pessoas de grande importância para o cenário histórico brasileiro, tanto socialmente, como historicamente. Não posso negar a minha origem como descendente de quilombola, se eu faço parte de toda essa comunidade, e faço parte da história e tenho orgulho de fazer parte de tudo isso. Existem muitas pessoas que questionam, por que você se orgulha? Orgulho de que? Alguns não sentem essa mesma satisfação porque contextualizam o período de escravidão no Brasil; as fundadoras da comunidade exercem sua importância sim, pois libertaram-se da opressão que estavam sofrendo e contribuíram para os rumos da nossa história. Sinto orgulho de ser descendente destas pessoas, e porque faço parte na comunidade quilombola." Akim (2015)

A falta igualdade social de forma que as necessidades básicas das comunidades é um dos principais fatores de luta das comunidades quilombola, dentro desses aspectos favorecer a igualdade através da educação, é importante que não seja somente informal trazendo a escola de base formal igual para todos os moradores da comunidade.

Com base nisso atende-se à necessidade de a educação nessas comunidades ser realizada com base na cultura e valores do local, a fim de complementar as necessidades locais. Baseada nessa temática considera-se importante que o processo educativo permita ao educando uma análise não só da sua comunidade mais da sociedade como um todo.

É a partir dessa análise geral da sociedade, assim como, especificamente da comunidade em que vive que o educando e em especial o jovem, poderá ter condições de desenvolver a criticidade em relação ao meio social, à cultura e assim, desenvolver relações que estarão ligadas à sua identidade.

Para a comunidade negra rever seus valores em uma cultura desvalorizada socialmente seria como sair de uma zona de um teórico conforto interno, para se colocar em uma de conflito, onde constantemente teria que provar seus valores, mesmo sobre o julgamento distorcido de uma parte considerável de seu convívio social. Essa alienação da pessoa negra é resultado da negação social da multiplicidade de culturas existentes no país.

Periferias Extensões dos Quilombos, Continuidade Histórica pela Resistência

Os negros ficaram na sociedade à própria sorte. Ocuparam as cidades, inicialmente os centros urbanos e depois se organizaram em cortiços. Com as políticas higienistas, no final

do século XIX e início do século XX. Os negros foram expulsos do centro, ocupando os lugares mais periférico da cidade. Com isso, ocuparam os morros, dando início as formações das favelas, nas periferias das capitais brasileiras. Hoje de acordo com o estudo da pesquisa Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) de 2011, mostra a predominância da população negra nas favelas. Assim compreendemos que esses negros e negras que formam as periferias as favelas descenderam dos seus quilombos seus agrupamentos comunitários, descenderam para a cidade seja por questões de trabalho e manutenção dos que ficaram. Os mesmos formaram habitações e se concentraram nas periferias da cidade e encontram várias formas de resistência para sobreviver na cidade.

Beatriz Nascimento, em seus escritos que se intitula, *Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso*, escreve sobre sistemas alternativos criados pelos negros-quilombos ou favelas. Esses escritos nos revela a ligação que ela faz sobre a relação quilombo e periferia. “O que se convencionou chamar “quilombos” ainda podem e procuram fazê-los” (NASCIMENTO, 2006). Ele relaciona ao buscar a continuidade histórica dos quilombos do passado formados em África com os que se formaram no Brasil. Beatriz define continuidade histórica como,

A continuidade seria a vida do homem e dos homens- continuando aparentemente sem clivagens, embora achatada pelos vários processos e formas de dominação, subordinação, dominância e subserviência. Processo que acontece, ao longo desses anos, com aqueles que, em nossas abstrações, se engloba na categoria de negros. ” (RATTS, NASCIMENTO, 2006, p. 110).

Uma de suas principais hipóteses para o processo de continuidade histórica defendido por Beatriz Nascimento é a permanência e o deslocamento geográfico das populações negras no país. Quando analisamos a fragmentação dos negros nos centros urbanos faz-nos perceber como está presente os sinais únicos da resistência quilombola nos territórios periféricos da cidade. Visto que são pessoas de vários territórios geográfico, no qual haviam e há, quilombos formados, como em montanhas, serras no interior das capitais brasileiras.

Partindo da premissa dos escritos de Beatriz Nascimento compreendemos as periferias como sendo grandes quilombos urbanos, mesmo por conjecturas, podemos defini-los por entender, que há um processo de continuidade histórica muito grande dos negros na periferia, seja pelo o modo de vida e organização comunitária, que se mobiliza e luta

fortemente para conseguir direitos essenciais para a população negra dentro das comunidades, a cultura e religiosidade e também por compreender o deslocamento geográfico das populações.

Podemos encontrar este modo de vida do comunitarismo na organização de irmandades negras no Brasil, e na organização das festas tradicionais dos Santos Católicos e nas religiões de Matrizes africanas como no Candomblé e na Umbanda. Esse entrelace tem fortemente a marca da cultura, ética, valores como, cooperação, unidade, trabalho coletivo, valores presentes em sociedades e tribos africanas herdados pelo povo negro da África. Valores muito presentes na organização do povo que vive na periferia das cidades do nordeste brasileiro.

As periferias que estão à margem das cidades, são territórios de grandes resistência e força do povo negro deste país. A cultura impulsiona como força mobilizadora para reunir e definir estratégias de sobrevivência no lugar, dando outras possibilidades a homens, mulheres e crianças negras, através da arte, música, teatro, capoeira. Os grupos e a força dos movimentos populares também ajudam a impulsionar o comunitarismo, uma ação que acontece, que tem completamente raízes em África.

Nas comunidades há um cenário de completa solidariedade entre os seus de conhecimento, alimento e vida compartilhada. Por isso ousamos a dizer que as periferias são extensões dos quilombos que se formaram no passado e ainda resistem no presente. A vida social em muitas das periferias cearenses, territórios de maioria negra, aproxima-se das comunidades quilombolas em muitos aspectos, além da já citada organização coletiva, seus moradores sofrem com a exclusão social oriunda do racismo e discriminação racial. Esses lhes atingem de diversas formas.

A negação das origens está nesse caso relacionada muitas vezes relacionada a necessidade de sobreviver em centros urbanos cearenses, que através do racismo e da discriminação racial nega a existência da população negra e dificulta ao máximo o seu acesso a direitos como trabalho. O morador da comunidade Riacho doce relata abaixo sua estratégia para tentar fugir das ações de exclusões:

“sinto na pele que eles não gostam de negro e favelado pior minha filha, fui semana passada deixar um currículo numa firma e tive que colocar no endereço que morava

no Passaré, porque se eu coloco Riacho doce já pensa que é bandido. Então é melhor fazer logo o que é certo e dizer que é de lá.” Amir (2013).⁵

As manifestações culturais que partem da ancestralidade negra sofrem com os olhares duvidosos e preconceituosos da sociedade racista. O hip hop por exemplo manifesta se politicamente de diversas maneiras, através da dança(break), a música(rap) e grafite(imagens), com essas expressões artísticas seus participantes conseguem colocar para a sociedade os acontecimentos das suas realidades, especialmente nas periferias.

“eu não curto artes, só se for a nossa. Eu adoro grafitar é como se eu conseguisse falar o que acontece sabe, fica a galera toda lá grafitando, nos viaja na arte dá pra dizer do nosso jeito o que não dá pra dizer falando. quando estamos na parede tem gente que gosta que acha maneiro, mas tem outros que diz pra nós ir trabalhar, que somos vagabundos por pixar, porque eles acham que é o mesmo da pixação”. Darem (2013)⁶

Na ala do jovem morador da periferia de Fortaleza a Cultura permite que ele se expresse de forma completa, impulsionando os a denunciar e superar os empecilhos do sistema racista já instado a anos. É através da arte que os grupos e movimentos que trabalham em favor das comunidades negras conseguem se expressar.

Conclusão

Conclui-se que, os quilombos são verdadeiros patrimônios culturais do Brasil, as memórias do escravismo criminoso como relata, Henrique Cunha Júnior, Professor titular da Universidade Federal do Ceará, devem ser ditas e escritas para que jamais se esqueçam do crime realizado contra a humanidade. Ainda hoje luta-se e resiste-se como as máculas deixadas por esse processo que é o racismo. A quilombagem acontece em todos os espaço de agrupamentos de negros e negras em nossas regiões podemos ver isso quando nos mobilizamos para lutar pelas nossas comunidade quilombolas na defesa das nossas terras produtivas contra as indústria e o agronegócio, que seja nas comunidades de periferias da cidades, lutando para garantia de direitos por uma habitação digna e direitos básicos.

⁵ Amir, nome africano de origem Suali, Uganda.

⁶ Darem, Nome Africano de Origem Hausa, Nígeria

A tentativa do extermínio do negro pelo embranquecimento não se sustentou, a população negra representa 54% da população brasileira, somos uma nação negra com uma forte influência africana seja no modo de vida na cultura, na arquitetura, culinária nas formas de se vestir, nas especiarias, temperos nas práticas religiosas. Somos um Brasil Africano.

A memória dos quilombos resiste ao tempo e continuam nas vidas dos negros e negros que lutam diariamente para a manutenção e preservação da cultura em todos os espaços políticos de defesa dos direitos constitucionais destinados às populações tradicionais quilombolas. Bem como ainda lutamos pela a demarcação de nossas terras e por uma educação que preserve a memória e a história ancestral desse patrimônio.

Nas cidades resiste-se a falta de infraestrutura nas periferias, são os negros e negras que constroem seus territórios a partir de mutirões em comunitarismo, compartilhando saberes e conhecimentos populares adquiridos pela ancestralidade, são verdadeiros quilombos urbanos metaforicamente pela continuidade das práticas quilombos nos territórios das periferias das cidades. Através desse comunitarismo é que os negros e negras conseguem resistir a todos o racismo estrutural que insiste em manter o negro fora da sociedade, mais continuamos a lutar e a ressignificar os seus territórios, por eles e pelas as gerações futuras.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é Racismo Estrutural?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018

ARRUTI, José M. Quilombos. **Raça – Novas Perspectivas Antropológicas**, Salvador, v. 1, 2008.

AKIM. Entrevista concedida à Samia Paula dos Santos Silva. Fortaleza, 2013.

AMIR. Entrevista concedida à Samia Paula dos Santos Silva. Fortaleza, 2013.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988, atualizada até a Emenda Constitucional nº 39, de 19 de dezembro de 2002. 31. Ed. São Paulo: Saraiva 2003.

BRASIL. DECRETO nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta no âmbito federal, dispositivos da Lei nº 11.284 de 20 de novembro de 2003, que dispõe sobre os remanescentes

de quilombos no Brasil. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 nov. 2003.

DAREN. **Entrevista concedida à Samia Paula dos Santo Silva**. Fortaleza, 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática S/A, 1988.

_____. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao averso. **Revista ABPN**, São Paulo, v.4, jul-out 2012. Disponível <http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/viewFile/358/235>> Acesso em: 12-out-2015.

_____. Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, n.28, 1996. Disponível em < http://www.usp.br/revistausp/28/Revista_04-kabe.pdf > Acesso em: 10-set-2015.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**: In Cartas, falas, reflexão, memória, informes. Brasília Gabinete do Senador Darci Ribeiro. 1991.

RATTS, Alex. **Traços étnicos**: espacialidades e culturas e indígenas. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult, 2009.

RATTS, Alecsandro (Alex) J. P. **Eu sou Atlântica**: Sobre a Trajetória de Vida de Beatriz Nascimento. 1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial / instituto Kuanza, 2007. v. 1. 136p.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

MATIAS, Emanuela Ferreira; SILVA, Samia Paula dos Santos; RIBEIRO, Rosa Maria Barros. Caminhos Negros no Ceará: Identidades de Resistências. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.46, p. 379-391. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 17/06/2019

Aceito 19/06/2019